

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Gabriel Santana da Silva

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo: O imaginário religioso de Mano Brown pela sua representação da Santa Trindade Cristã

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

São Paulo
2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Gabriel Santana da Silva

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo: O imaginário religioso de Mano Brown pela sua representação da Santa Trindade Cristã

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Artigo apresentado à Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de BACHAREL em História, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Torres Londoño.

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Rosilene, a meu pai, José, e a minha irmã, Gabriela, por me incentivarem a estudar, a buscar a melhor versão possível de mim, a correr atrás dos meus objetivos, a lutar por um futuro melhor, a terminar este trabalho, a conseguir a minha graduação, mas acima de tudo, por acreditarem em mim e no meu sonho. Eu sei que houve dias mais difíceis que outros, dias onde duvidei de mim mesmo, e das minhas forças, mas vocês sempre estiveram aqui por mim, provendo a energia para continuar. Esse trabalho é por vocês e para vocês.

Além do previamente mencionado, também agradeço a minha irmã Gabriela por ter me ajudado com a correção ortográfica e formatação do texto, que se não está perfeita agora, certamente estaria muito pior não fosse por seu auxílio.

Agradeço a meu orientador, Professor Fernando Torres Londoño, por acolher meu projeto e me ajudar na construção do mesmo, sem ele não seria possível tornar este trabalho realidade.

Agradeço ao Professor Fernando Haddad, então Ministro da Educação, e toda a sua equipe por desenvolver o Programa Universidade para Todos, o famigerado ProUni. Com esse programa, milhões de jovens pobres como eu receberam o direito de materializar o sonho quase impossível do ensino superior.

Agradeço ao Pedro Paulo Soares Pereira, o Mano Brown, por ser um dos maiores artistas e pensadores da história desse país, sua arte certamente ajudou e ajudará a criar novas gerações revoltosas, com “sangue no olho” para combater o sistema injusto.

E por último, mas não menos importante, agradeço ao poder que paira sobre todos nós. Esse trabalho me aproximou das forças extraordinárias que busquei entender neste trabalho, mesmo que de forma humilde diante de sua imensidão de significados, tenho certeza que um pouco de seu poder está forjado nessas páginas.

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar a representação da figura cristã conhecida como Santa Trindade nas canções do rapper Mano Brown, buscando entender o papel da religiosidade na vida do artista e o contexto social periférico no qual essa relação com a fé se constrói, observando as questões raciais e sociais e os fatores econômicos que o influenciaram na sua trajetória desde a infância até a vida adulta, usando essa figura como um ponto de referência para a problematização em questão. Com a intenção de analisar o objeto previamente mencionado, utilizarei trechos de suas canções lançadas entre 1997 e 2002 para expor e distinguir as dimensões dessa figura, também utilizando trechos de declarações públicas do cantor para ajudar a formalizar seu pensamento e passagens da Bíblia Sagrada Cristã para contextualizar os elementos religiosos presentes nessas letras musicais. E para embasar a minha problematização dessa figura e de seus possíveis contextos e significados, farei uso de obras historiográficas e sociológicas que por sua vez tenham os temas de religião, raça e marginalização como objetos de estudo.

Palavras-chave: Religião, Rap, Periferia, Mano Brown, Santa Trindade.

ABSTRACT

This article proposes to analyze the representation of the christian figure known as the Holy Trinity in the songs of rapper Mano Brown, seeking to understand the role of religiosity in the artist's life and the peripheral social context in which this relationship with faith is built, observing racial and social issues and economic factors that influenced his trajectory from childhood to adulthood, using this figure as a point of reference for the problematization in question. With the intention of analyzing the previously mentioned object, I will use excerpts from his songs released between 1997 and 2002 to expose and distinguish the dimensions of this figure, also using excerpts from the singer's public statements to help formalize his thinking and passages from the Holy Christian Bible to contextualize the religious elements present in these lyrics. And to support my problematization of this figure and its possible contexts and meanings, I will make use of historiographical and sociological works that in turn have the themes of religion, race and marginalization as objects of study.

Keywords: Religion, Rap, Periphery, Mano Brown, Holy Trinity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
DEUS PAI, "O JUIZ FINAL"	17
DEUS FILHO, "O JESUS NEGRO"	25
ESPÍRITO SANTO E O "GUERREIRO DE FÉ"	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
BIBLIOGRAFIA	43

INTRODUÇÃO

Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
Que sobrevivem em meio às honras e covardias
Periferias, vielas, cortiços
Você deve tá pensando
O que você tem a ver com isso?
Desde o início, por ouro e prata
Olha quem morre, então
Veja você quem mata¹

A história narrada na letra de *Negro Drama* é um retrato ácido e contundente da experiência do homem periférico, representação essa que pode se alterar em detalhes, dentro de seus possíveis contextos temporais e ou geográficos dos inúmeros habitantes das periferias que existem ou já existiram nas metrópoles brasileiras, mas essa passagem da canção destaca os elementos que se repetem em todas as experiências periféricas: A questão da sobrevivência, entendido não como o ato humano de viver, desfrutar os prazeres e conhecer as maravilhas de seu mundo, mas sim o ato instintivo “primal”, quase que animal, de batalhar todos os dias da vida para se manter vivo numa realidade brutal onde as várias “covardias” da vida na periferia se escondem em cada esquina, prontas para abalar a sua realidade; O espaço geográfico paupérrimo, com moradias inóspitas, e áreas comuns desprovidas de planejamento público, os tais cortiços e vielas; E por último e não menos importante, o descaso público, afinal de contas, Edy Rock sob a bandeira de seu grupo musical Racionais MC’s indaga ao ouvinte “O que você tem a ver com isso?”, uma forma perspicaz de lembrar ao ouvinte, que como membro da sociedade, seja por impotência ou por indiferença, nada faz a respeito da questão.

A canção é apenas mais uma das armas do vasto “arsenal lírico” do grupo de rap Racionais MC’s na luta social que travam através de sua arte, mas esse trecho em específico se destaca pela história que ilumina. O trecho nos leva para o passado distante da construção do Brasil como conhecemos, dissertando as origens econômicas e raciais, do sangrento processo de marginalização de pessoas no país. Numa referência à exploração das riquezas naturais do país, aqui observados pelo ouro e a prata, mas que certamente pode ser estendido para inúmeros outros “bens

¹ Racionais MC’s, “Negro Drama”, Álbum Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2. (São Paulo, Gravadora Cosa Nostra, 2002).

naturais” do solo, nos somos indagados a lembrar que desde os tempos coloniais, existe uma elite com o monopólio da violência pronta eliminar ou desumanizar qualquer que se ponha a frente de seus objetivos.

Observando a riqueza de sentidos da produção musical dos Racionais MC's, dando destaque ao trabalho de um de seus membros, o Mano Brown, este trabalho propõe-se a analisar a representação religiosa, em especial o cristianismo, expressado pela Santa Trindade, analisando as suas formas, significados e sinergias com os vários contextos políticos e sociais da cultura periférica na qual o rapper se inspira.

A cultura periférica por sua vez, sendo o contexto material dessa tese se origina de processo de marginalização que pode ser rastreado desde o principio da colonização, a sua forma moderna, em moldes similares aos atuais pode ser observada mais tardiamente no Brasil. Esta começa a se delinear com a expansão urbana do século XX, com centros demográficos se formando em grandes cidades brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro. Com uma oferta superior de trabalho, seja nas indústrias ou no comércio que escorria delas, essas grandes cidades se tornavam ponto de migração regional, com uma quantidade elevada de pessoas buscando residência nesses lugares, para se manter próximos das rotas econômicas. Esse alto número de pessoas buscando habitar um espaço limitado gerou um problema social de moradia, cujo a solução paupérrima é descrita pelo autor Nicolau Sevckenko, em sua obra *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*, onde o mesmo expõe o processo de marginalização de espaços e pessoas no contexto da cidade do Rio de Janeiro:

A enorme pressão por imóveis, devida tanto às demolições das zonas central e portuária quanto à especulação, empurrou as populações humildes para a periferia da cidade, ou para os bairros mais distantes e degradados, onde se alojavam em condições subumanas a preços exorbitantes. Desenvolvem-se, assim, os cortiços, as casas de cômodos ou “zungas”, onde o que se alugava era apenas uma esteira, disposta num salão aberto, em que se aboletavam dezenas de pessoas, em total promiscuidade, sem nenhum recurso higiênico ou sanitário. Regiões desvalorizadas, por serem impróprias para construções, como os morros e os mangues, começam a forrar-se de casebres construídos de tábuas de caixas de bacalhau, cobertas com latas de querosene desdobradas, igualmente sem nenhuma forma de higiene e sem água corrente (SEVCENKO, 2013, p. 44-45).

Mantendo suas devidas particularidades, o processo de marginalização de São Paulo e de qualquer outra metrópole possui em comum o afastamento do indivíduo do centro comercial/produtivo da cidade, sendo que esse afastamento se dará por questões econômicas (a incapacidade do indivíduo de arcar com a despesa de morar no centro ou próximo ao centro da cidade devido a esses custos econômicos crescerem de forma desproporcional a sua renda) e a falta de suporte formal do Estado em garantir condições mínimas a vida nas periferias, não provendo ou provendo de forma paupérrima e insuficiente acesso a saneamento básico, entre outros.

Com o passar dos anos, essas periferias se expandiram para grandes complexos de moradia, até os anos 90, ainda em situações paupérrimas, muitas vezes sem acesso regular a saneamento básico e eletricidade, e sem possuir instituições de saúde e de educação nas imediações, tornando a manutenção da vida ainda mais precária. Naturalmente, onde falta investimento público e sobra pobreza, a violência se torna rotina. Nesse quesito as periferias da Zona Sul se destacam nos anos 90 com alguns dos maiores índices de criminalidade da cidade, enquanto a cidade como um todo observava um aumento vertiginoso da violência, que viu sua taxa de homicídios crescer 18% entre os anos 1996 e 1999 no município, distritos periféricos lideravam os índices de homicídios: Em 1999, o Jardim Ângela registrava 93,6 homicídios por 100.000 habitantes, o M'Boi Mirim marcava 91,5 e o Jardim São Luiz anotava 89,3 (TELLES, 2010). Três bairros periféricos da Zona Sul liderando um dos principais indicadores de violência. Mas onde há sofrimento, há luta, e onde há opressão, há resistência, como coloca o pesquisador D'Andrea:

Desesperançada, pobre, desempregada e absorvida nas matanças corriqueiras de jovens entre si e destes com a polícia, a população periférica empenhou-se em construir mecanismos e inventar formas para contornar a violência e se manter viva (D'ANDREA, 2013, p.14).

É nesse contexto áspero, fértil a revolução social que o protagonista deste artigo, Pedro Paulo Soares Pereira, o Mano Brown, será forjado, mas para entender a complexidade dessa figura, como demonstrarei ao longo desse trabalho, é crucial problematizar seu imaginário religioso, pois como o próprio proclama em sua canção *Capítulo 4 Versículo 3*:

E a profecia se fez como previsto
 1997, depois de Cristo
 A fúria negra ressuscita outra vez
 Racionais, capítulo 4, versículo 3²

Se a invasão dos portugueses ao território que um dia viria ser o Brasil trouxe a marginalização dos homens, consigo veio um elemento importante de dominação social, a sua religião, o Cristianismo.

Por meio do trabalho de catequização dos indígenas, o empreendimento colonizador ganhava não somente em riquezas materiais, mas também em riqueza espiritual com as almas indígenas convertidas que haviam de ser arrebatadas para seu Deus cristão. Esse processo, entretanto, não viria sem resistência, se a dominação física já era um obstáculo aos portugueses para a conquista do espaço, a dominação cultural se fazia necessária para essa “conquista das almas”.

Essa doutrinação e conversão de nativos se darão então por meio da instigação do imaginário dos mesmos se utilizando do poder cativante da arte como coloca Maria Lúcia Montes:

Desde os primeiros tempos jesuíticos, o teatro, a música, o canto, a dança e a poesia haviam se integrado ao arsenal catequético, evidenciando que era preciso aturdir as almas simples para conquistá-las e elevá-las por meio da imaginação e dos sentidos à grandeza inefável do sagrado. (MONTES, 2012, p.43)

Este processo acaba desenvolvendo uma ampla e resistente presença do cristianismo no imaginário do brasileiro, e certamente fortalecendo um laço transcendental entre a arte e a fé nessa terra, além de criar as bases para um território que teria a fé cristã, neste caso a católica, como elemento oficial de seus governos até o fim da era imperial, e manteria um poderoso caráter extraoficial pelas décadas que a seguiram. Chegando até os dias de hoje, a fé se transformou e se ressignificou, tanto socialmente quanto politicamente: Enquanto o catolicismo entrou em estado de decadência em número de adeptos em relação à população total, o protestantismo cresceu vertiginosamente no Brasil, de acordo com (Oro, 2020)³,

² Racionais MC's, “Capítulo 4 Versículo 3”, Sobrevivendo no Inferno. (São Paulo, Gravadora Cosa Nostra, 1997).

³ Segundo o autor, nos anos 70, a população que se declarava católica na pesquisa do IBGE ultrapassa os 90%, caindo para 83,8 nos anos 90, 73,7% nos anos 2000 até chegar 64,6% nos anos 2010. Enquanto isso, o grupo de pessoas que se identificam como evangélicos passou de 5,2% nos

mantendo a fé cristã tão forte quanto nunca e, no âmbito político, se o Estado é laico e seu chefe não é mais um imperador representante de Deus na terra, o governo ainda sim permanece atrelado à fé, com discursos pró-cristianismo fazendo grande sucesso com o eleitoral democrático e garantindo muitas cadeiras no legislativo brasileiro.⁴

A marginalização e a fé são então elementos que caminharam juntos ao longo dos séculos nesta terra, convergindo e divergindo, e em mais um desses encontros ordinários que a autoproclamada Fúria Negra ressuscita novamente com seu profético Evangelho Marginal, pronto para tomar as gélidas ruas da periferia da Zona Sul de São Paulo, e eventualmente, tomar o Brasil todo. Entretanto, a notoriedade de Brown não surge sozinha, mas sim acompanhada da genialidade de seus também talentosos colegas músicos, que juntos formaram o icônico grupo de rap, Racionais MC's. Como conta a introdução do livro *Sobrevivendo no Inferno*, obra de nome homônimo a um de seus álbuns de maior sucesso:

O grupo se formou em 1988 a partir do encontro entre Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue) e Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown) — moradores do extremo sul de São Paulo — com Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) e Kleber Geraldo Lelis Simões (KL Jay) — moradores da Zona Norte — por meio da atuação do produtor cultural e ativista político Milton Sales, que conhecia tanto a cena que rolava na estação São Bento do metrô, frequentada por Brown e Blue, quanto a casa noturna Clube do Rap, na Bela Vista, dominada por KL Jay e Edi Rock, ambas na região central da cidade (OLIVEIRA, 2018).⁵

Com a experiência da vida na periferia, um estilo ácido de escancarar temas dolorosos para a opinião pública como crime e negligência do Estado e um talento impar para composição e performance de letras, o grupo começou a fazer grande

anos 70, para 9,5 nos anos 90, 15,4% nos anos 2000, até chegar em 22,1% nos 2010, demonstrando um crescimento grande e constante desse grupo (ORO, 2020). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/218420>. Acesso em 05/09/2022.

⁴ Os autores apontam que a bancada evangélica, isto é, membros do legislativo que se declaram evangélicos, ocupava 14,2% das cadeiras do legislativo após as eleições de 2014, apresentando tendência de crescimento ininterrupto desde as eleições de 2006 (RODRIGUES-SILVEIRA; CERVI, 2019). Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/latin-american-research-review/article/evangelicos-e-voto-legislativo-diversidade-confessional-e-voto-em-deputados-da-bancada-evangelica-no-brasil/78197F4E66D57F7BC3A98C273F4DD661#>. Acesso em 04/09/2022.

⁵ A obra literária *Sobrevivendo no Inferno*, de 2018, em sua essência é uma coletânea das letras das músicas performadas no álbum de nome homônimo, de 1997, o pesquisador Acauam Silvério de Oliveira foi o responsável por fazer o texto para a introdução do livro, que recebeu o nome de *O Evangelho marginal dos Racionais MC's*, que parece um nome conveniente devido toda a temática cristã que rodeia a obra do grupo, inclusive a própria capa do álbum original de 1997 possui uma cruz cristã e uma passagem bíblica. OLIVEIRA, Acauam Silvério. "O Evangelho marginal dos Racionais Mc's". In: Racionais Mc's: Sobrevivendo no Inferno. Versão Digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

sucesso nas noites da cidade, sucesso que eventualmente se esticaria para todo país. Seus álbuns *Holocausto Urbano* (1990), *Escolha seu Caminho* (1992) e *Raio X do Brasil* (1993) fizeram grande sucesso na cena local e se tornaram marcos da poesia periférica brasileira, mas certamente seu álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997) foi o grande responsável por estender seu sucesso a escala nacional, vendendo mais de 1,5 milhões de cópias mesmo com a posição fortemente antimidiática do grupo, que sempre se caracterizou por sua identidade revoltosa em relação a grande mídia, se recusando a dar entrevistas, se apresentar ou participar de premiações organizadas pelos grandes meios de imprensa. O grupo acaba se tornando um marco cultural por levar essa mensagem de autoafirmação da periferia a discussão nacional por via de seu sucesso, nessa linha:

A atuação do grupo foi decisiva para fazer do rap muito mais do que uma simples representação da periferia. Sua radicalidade e seu senso de "missão" (afinal, "rap é compromisso", já dizia Sabotage) ajudaram a desenvolver um espaço discursivo em que os cidadãos periféricos puderam se apropriar de sua própria imagem, construindo para si uma voz que, no limite, mudaria a forma de enxergar e vivenciar a pobreza no Brasil. O impacto da produção dos Racionais consiste, sobretudo, em sua extraordinária capacidade de formalização desse novo tipo de voz coletiva que emergia: uma fala da periferia para a periferia, que alteraria de modo radical o cenário cultural do país (OLIVEIRA, 2018).

Mas afinal, o que seria essa voz da periferia ecoada pelo rap? Ao analisar a construção da letra de "Fórmula Mágica da Paz" canção do álbum anteriormente citado, *Sobrevivendo no Inferno*, o pesquisador Borda, define o que chamo de a "experiência do rap", nomeando seus temas, seus dilemas e o panorama social de uma pessoa comum periférica numa cidade grande brasileira, que é composta majoritariamente por pessoas pobres altamente expostas ao crime e a religião, tudo isso sendo criado pela declamação das rimas, que devem gerar certo nível de empatia no consumidor desta arte, o fazendo sentir-se "na pele" do rapper, nas palavras do pesquisador:

Podemos perceber uma estrutura de temas, (motes como no repente brasileiro), que giram basicamente em torno de violência, crime, religião, estética, espaço, etc. Estes temas articulam alguns símbolos produzindo a tal sensação de "estar falando do que vivo", para pessoas empobrecidas das periferias das grandes cidades [...] Esta verbosidade de temas com seus símbolos articulados produz uma sensação de se estar entrando na história, na verdade muitos tem associado esta experiência, de ouvir rap, a uma espécie de trilha sonora do dia a dia. Uma espécie de narrativa ácida sobre

o cotidiano dos espaços e pessoas empobrecidas e negras das grandes cidades (BORDA, 2013, p.38-39).

Como colocado acima, alguns temas se fazem mais recorrentes que outros na “mitologia periférica” declamada nas letras dos Racionais MC’s, mas um desses temas se destaca para mim e como demonstrarei nesse trabalho, também desperta interesse em especial de Mano Brown: A religião. Assunto recorrente em suas músicas e também em sua série de *podcast Mano a Mano*, a questão da religião se mostra crucial para o rapper, já que o mesmo comenta ter estudado o tema extensivamente⁶, além disso, como será dissertado nesse trabalho, o imaginário religioso de Brown é de uma natureza ímpar, de alguém que teve uma iniciação muito ampla no tema durante a juventude e ampliou ainda mais seu entendimento sobre o tema através de seus estudos, e é claro sua vivência. E buscando entender esse imaginário religioso, um conceito se fez bastante intrigante para mim na busca de um condutor para essa discussão: A Santa Trindade Cristã.

Conceito tão essencial e ao mesmo tempo tão misterioso da Fé Cristã, a Santa Trindade é o paradoxo intrigante que se coloca como figura central da fé em questão. De acordo com a pesquisadora estadunidense do campo da teologia Lorenzen:

No cristianismo ocidental dos tempos atuais, a doutrina da Trindade é verdadeiramente um enigma. Por um lado, ela é a base do culto litúrgico, expressa na saudação "A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós", na doxologia "Louvado seja Deus de quem emanam todas as bênçãos, louvem-no todas as criaturas da terra, louvem-no todas as hostes celestiais, louvor ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo", e na bênção, "Abençoe-vos o Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e para sempre", todas de estrutura trinitária. Esta foi e continua sendo a estrutura tanto dos credos antigos como dos modernos. Os credos niceno e dos apóstolos começam com um parágrafo sobre Deus Pai que cria o mundo, continuam com uma declaração atinente ao Filho, Jesus Cristo, e terminam com uma afirmação a respeito do Espírito Santo. A doutrina da Trindade é o princípio organizador de quase toda a teologia cristã ocidental. Por outro lado, muitos cristãos ocidentais concentram a teologia e a fé na pessoa de Jesus, excluindo outras categorias teológicas. Para esses, a doutrina da Trindade praticamente inexistente. A relação de Deus com a criação se restringe tanto a

⁶ De acordo com Mano Brown, o mesmo possuiu em algum ponto não especificado da sua vida uma rotina extensa de estudos, que incluía teologia. Em suas palavras, ela passava “estudando arqueologia e história, e teologia de quebrada também, e arte, e tals, sete a oito disciplinas ao mesmo tempo, todo dia, de 12 a 14 horas”. BROWN, Mano. Mano Brown recebe o Pastor Henrique Vieira. In: MANO A MANO. Spotify Brasil, São Paulo: 2021. *Podcast*. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/45r8gNvz5usLdNjcdprGJy?si=OTHs_MVRSQ2TE6c7GU8M3Q&utm_source=copy-link. Acesso em 09/09/2022.

Jesus, que é quase impossível situar Deus em algum outro lugar no Mundo (LORENZEN, 2014).

Deixando de lado uma complexa discussão a respeito da natureza paradoxal da Santa Trindade em relação a fé cristã, é crucial notar dois elementos que vão ser relevantes a problematização deste trabalho: A importância da entidade e sua natureza multifacetada. A primeira é interessante pois a sua essencial importância a torna um elemento chave para entender a relação de um terceiro com dada a fé, isto é, por meio da relação de um indivíduo com a figura principal de uma fé, podemos entender um pouco da natureza de seu pensamento em relação a mesma. Já a natureza multifacetada será responsável por permitir um amplo leque de elementos a ser analisados, já que cada face da Santa Trindade permitirá problematizações sobre diferentes temas abordados por Brown, variando desde questões religiosas, históricas, legais, raciais, entre outras.

Tendo apresentado essas colocações e com anseio de entender um dos elementos do imaginário de um dos maiores artistas da história do Brasil⁷ e ajudar a materializar sua figura individual, isto é, sistematizar o pensamento de Mano Brown não apenas como parte de seu grupo musical, mas também como indivíduo, com suas particularidades não necessariamente dependentes de seu coletivo musical, buscarei por meio desse trabalho analisar a representação da Santa Trindade Cristã pelo pensamento de Mano Brown. Acredito que a figura central de uma dada fé é um

⁷ O Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Bruno de Carvalho Rocha aponta que: “As muitas faces e fases de Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KI Jay, marcaram todas as gerações da cultura hiphop no país. Provocaram e ainda continuam provocando as mais diversas reações na grande mídia, entre o público, além de terem sido incorporados nos espaços acadêmicos como vetores hermenêuticos a respeito da vida política, racial, cultural e, em nosso caso, religiosa, de grande parte da periferia no Brasil.” (ROCHA, 2022, p.124). Já o Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, Tiarajú Pablo D’Andrea, dissertando sobre o grupo Racionais MC’s de forma geral afirma: “De fato, este grupo tornou-se o maior representante de toda uma geração de grupos de rap, em particular, e de artistas periféricos, no geral, que, somados e atuando de diversas maneiras na periferia e durante vários anos, modificaram a perspectiva do olhar sobre a periferia e os significados sobre esta. [...] Eles expressaram uma geração, aumentando a estima quando essa população necessitava estima, doando sentido quando os sentidos se embaralhavam e organizando referências quando as referências eram poucas. Mais que formadores de opinião, foram os principais expoentes de uma nova forma de enxergar os territórios da pobreza no Brasil, e por extensão, o próprio Brasil” (D’ANDREA, 2013, p.27). O Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, Acauam Silvério de Oliveira, dissertando sobre o impacto cultural no *Magnum opus* do grupo Racionais MC’s, o álbum *Sobrevivendo no Inferno* diz o seguinte: “Seu impacto no cenário nacional pode ser comparado sem exageros ao de outras grandes obras pertencentes aos mais diversos campos culturais, como Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Roda, Terra em transe, de Glauber Rocha, e Chega de saudade, de João Gilberto. Em termos políticos, contudo, é praticamente sem paralelo” (OLIVEIRA, 2018).

ponto de partida interessante para analisar a relação de um indivíduo, neste um caso um músico, com esta fé e com seu entendimento de religião no geral, tomando o cuidado de não minimizar sua visão sobre esse elemento a uma única doutrina da fé cristã, mas sim entendendo sua natureza plurirreligiosa e como essa se relaciona a fé. Com isso colocado, também observo que a natureza multifacetada da Santa Trindade se apresenta como um objeto rico de possibilidades teóricas, podendo ser colocado em inúmeros tipos de contextos de análise, que apontarei mais adiante. Crucial também observar uma devida carência de trabalhos no meio acadêmico que busquem analisar unicamente o imaginário de Mano Brown. Mesmo que existam excelentes trabalhos analisando os elementos e o impacto cultural do grupo Racionais MC's, dos quais usarei vários como Rap e religião: análise do imaginário religioso em Racionais Mc's de Bruno de Carvalho Rocha, e A cor e a fúria: uma análise do discurso racial dos Racionais MC's de Maik Antunes Rodrigues no auxílio de minha problematização, e tendo em mente que o rapper em questão recebe papel de protagonismo na maioria desses trabalhos, me parece interessante dar foco único a essa figura e conseguir produzir uma sintetização de uma parte de seu imaginário como indivíduo, independente de seu grupo. Espero que esse trabalho possa ajudar a fomentar a pesquisa sobre os indivíduos que compõe esse grupo musical tão marcante a cultura brasileira, e ajudar a desconstruir o conceito de que seus membros são sinônimos ao grupo, sendo na realidade quatro homens diferentes, com suas devidas peculiaridades de pensamento.

Para trabalhar essa problematização, utilizarei os seus trabalhos artísticos sob a bandeira de seu grupo musical, Racionais MC's, mais especificamente, trechos selecionados dos álbuns *Sobrevivendo no Inferno* de 1997 e *Nada como um dia após o outro dia, Vol. 1 & 2* de 2002 que me permitirá analisar a expressão de seu pensamento ao longo de aproximadamente 6 anos, entre o fim dos anos 90 e começo dos anos 2000, ainda utilizando as declarações de Mano Brown na série de podcast em que atua como apresentador, *Mano a Mano*, o que permitirá observar os conceitos inalterados, as mutações de seu pensamento e a frequência de certos elementos, além de oferecer a pesquisa a chance de analisar algumas das intenções narrativas do artista em seus antigos trabalhos.

Para permitir maior coesão, minha argumentação será dividida em três tópicos, cada um deles iluminando uma das três faces da Santa Trindade Cristã,

sendo elas Pai, Filho e Espírito Santo, desenvolvendo a linhas de problematização dessa forma respectivamente:

Deus: A relação paternalista, como essa figura é observada por uma posição de submissão, o colocando como algo acima de tudo e todos, digno não apenas de uma simples devoção religiosa, mas digno de portar a bussola moral do homem: Esse Deus, que aqui é uma concepção humana individualizada recipiente de toda a projeção que uma figura pode sofrer de um indivíduo, servirá de modelo moral regendo as normas de conduta social para esse mesmo indivíduo, desta forma, o homem projeta seus medos, esperanças e crenças em uma figura que transcende qualquer julgamento ético e a usa como guia moral para sua vida. Buscarei então expor e trabalhar a representação do Deus Pai como guia moral do homem da periferia.

Jesus: A relação fraternal, e a forma pela qual essa figura é imaginada como semelhante. A figura é tratada como um mártir do povo, longe das leituras elitistas provindas das organizações religiosas tradicionais fortemente ligadas aos governos e a classe dominante e da cultura popular clássica que tende ao positivismo: É um Jesus pobre, possivelmente negro, que prega a caridade acima da acumulação de riqueza, inimigo do Estado opressor desde seu primeiro suspiro, procurado, preso e torturado pelos soldados romanos, julgado e executado pela suposta “lei” que visa a manutenção do status quo acima de qualquer bem estar comum para seu povo. Jesus era parte do povo, jamais da elite e, portanto, seu legado deve ser reclamado pelo povo marginalizado. Pretendo analisar como esse Jesus é colocado nesse contexto reapropriação cultural, observando como esse homem marginalizado se projeta em sua figura.

Espírito Santo: a relação extraordinária, certamente a faceta mais abstrata da trindade e com uma representação bastante subjetiva e passível de interpretações variadas. Nessa parte tentarei observar como é retratado o sentimento de intercessão divina, como em possíveis momentos de manifestação terrena por via da interação com os indivíduos de fé, mas também em momentos em que a fé de um indivíduo intercede por ele, o levando a tomar ações extraordinárias. O Espírito Santo habita o corpo de todo crente nele e deve agir a favor da fé, se o indivíduo assim o permitir. Com isso colocado pretendo observar e problematizar passagens

onde tais situações podem ter sido apresentadas e o que as mesmas significam dentro da interpretação do rapper de poder divino.

Com isso colocado, buscarei entender o imaginário religioso dessa figura icônica da cultura popular brasileira, problematizando as formas pelas qual ele apresenta as facetas da Santa Trindade Cristã, iniciando pela figura do Deus Pai, o senhor absoluto.

DEUS PAI, "O JUIZ FINAL"

Após uma breve intermissão, que seria usada como espaço publicitário para divulgar mais um produto ou serviço que provavelmente não necessito, mas que ficaria tentado a consumir pelo uso de alguma vinheta cativante, e que por mero fortuna econômico pude escapar por assinar o serviço *premium* do aplicativo Spotify (que poupa seus usuários de interrupções por propagandas em troca de uma pequena mensalidade), Mano Brown no episódio em que entrevista o Pastor Henrique Vieira de sua série de *podcast Mano a Mano* se vê em um momento de afirmação: Sem nenhuma indagação direta provinda de seu entrevistado, Brown decide que é interessante para o rumo da conversa que ele esclareça a natureza de sua fé em Deus:

É o seguinte, o que é Deus para mim? Se todo mundo diz que o Altíssimo existe, ele existe, tá ligado? Não há um povo no mundo que não diga que não existe. Ele existe. É ponto. Isso fortaleceu minha fé, estudando arqueologia e história, e teologia de quebrada também, e arte [...] Aí o que acontece, realmente, Deus existe, alguém viu. O Altíssimo seria esse Deus invisível, que depois colocaram barba branca [...] (BROWN, 2021).

Como delinearei de forma mais extensa na sequência desse artigo, Mano Brown, o protagonista da minha pesquisa, possui uma relação bastante complexa com a religião cristã. Como noto, uma relação carregada de sincretismos e estudos extensos feitos pelo próprio, que certamente não de subjetificar sua relação com a fé, traço esse que é algo bem comum na relação do brasileiro atual e de um passado recente com a fé: A forte tradição de fazer uma ressignificação da fé com sua própria leitura, a adaptando a sua realidade e suas necessidades, vezes até indo em contradição a fé ortodoxa, movimento notado pelo menos desde a América Portuguesa (SANTOS; VAINFAS, 2014) até tempos contemporâneos (MONTES, 2012). Brown, entretanto, possui uma relação com a religião um tanto fora do regular em comparação ao brasileiro médio. Como ele expõe ainda no extremante pertinente episódio de seu *podcast* onde entrevista o Pastor Henrique Vieira, ele possui uma relação bem próxima ao cristianismo e ao candomblé, relações vindas quase que “de berço”, adquiridas na sua criação na periferia:

Eu fui criado num colégio interno adventista, então, eu nasci no candomblé e fui para um colégio adventista [...] eu tinha aula de religião (no colégio) [...] eu sou de um berço de candomblé, minha mãe, quando eu nasci, era do candomblé, mas quando eu saí do colégio eu tinha tudo isso comigo, aí eu preferi ficar neutro, respeitando os dois (cultos religiosos) (BROWN, 2021).

Em suas próprias palavras, podemos observar como Brown possui uma criação plurirreligiosa, que por si só enriquece grandiosamente suas leituras sobre religião, por conhecer no mínimo as bases da liturgia de suas correntes teológicas, mas também por permiti-lo um entendimento mais imparcial dessas religiões, desprovidos mesmo que em parte de muitos dos preconceitos oriundos da ignorância de alguém que só possui contato com uma fé. Reforçando sua experiência religiosa, ainda na mesma entrevista, ele comenta outras relações que teve com a fé, em destaque ao que adquiriu de sua mãe, que a princípio participava de reuniões religiosas no candomblé e que acabou abandonando esse culto (inclusive com sentimentos de animosidade em relação ao mesmo, expostos a Brown) e entrando para a seita do *Seicho-no-ie*, da qual Brown diz que chegou a atender alguns cultos acompanhados de sua mãe⁸. Dissertando sobre a visão de religião do rapper paulistano, o pesquisador Bruno Rocha disserta com perspicácia:

A concepção sobre o cristianismo que Mano Brown sempre demonstrou, certamente não se enquadra na visão mais tradicional de grande parte de cristãos e instituições religiosas evangélicas. Sua predisposição a um certo “pluralismo religioso”, um respeito total à liberdade de culto do “outro” – sendo esse “outro” sua família, seus amigos, ele mesmo, em certo grau –, a importância dada à toda cultura afro-brasileira, o apelo a uma ética que supera os muros das próprias religiões, demonstrando “na prática” social a efetividade da fé em Jesus (ROCHA, 2022, p.133).

O que posso concluir dessas passagens é que a visão do rapper de religião, em especial a meu trabalho, da religião cristã e de sua figura máxima é que o mesmo observa esses temas com uma clareza ímpar, de alguém que possui a experiência que só alguém com contato direto e estudo de causa pode possuir ao mesmo tempo em que possui a imparcialidade, provinda de uma leitura desprovida de grandes preconceitos que um seguidor mediano de alguma fé poderia ter. Ainda

⁸ Comentando sobre a relação de sua mãe com as religiões e o impacto da mesma sobre ele, Brown comenta: “Minha mãe foi para o Seicho-no-ie [...] e eu cheguei a ir com a minha mãe, era interessante”. Mano Brown recebe o Pastor Henrique Vieira. In: MANO A MANO. Spotify Brasil, São Paulo: 2021. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/45r8gNvz5usLdNjcdprGJy?si=OTHs_MVRSQ2TE6c7GU8M3Q&utm_source=copy-link. Acesso em 09/09/2022.

a essa leitura, é essencial apontar um impacto social a sua visão de religião, dado que é um homem preto e periférico, que viveu desde criança a realidade da marginalização social, e que faz questão de demonstrar sua experiência no assunto e suas conclusões sobre o mesmo em suas declarações públicas, e é claro, em suas músicas.

Com isso em mente, podemos analisar com maior facilidade sua concepção de Deus, e para tal, apresento um trecho da música *Negro Drama*, composta e cantada por Brown em parceria com seu colega do grupo Racionais MC's, Edy Rock. Neste trecho a seguir, a figura do Deus Pai da mitologia cristã, é a que se apresenta com maior clareza:

Que Deus me guarde pois eu sei que ele não é neutro,
Vigia os ricos, mas ama os que vem do gueto
Eu visto preto por dentro e por fora
Guerreiro, poeta, entre o tempo e a memória⁹

Num primeiro momento é interessante notar a questão social econômica que rodeia a representação de Deus aqui, trazendo uma grande subversão das leituras modernas carregadas de estigma capitalista, o rapper traz uma visão diferente da relação de Deus com os homens: Ele afirma que Deus não trata todos os seus filhos de forma igualitária, indo contrário a tradicional concepção exposta na Bíblia em diversas passagens, das quais destaco o versículo 11 do segundo capítulo do livro de Romanos "Porque, para com Deus, não há acepção de pessoas."¹⁰ Entretanto, trazendo para o contexto social do artista, seria possível adorar um Deus que aceita com passividade a miséria causada pela desigualdade econômica da sociedade dos homens? Entre 1993 e 2003, a porcentagem da população brasileira abaixo da linha da miséria, que estabelecida como uma renda mensal de aproximadamente 30,00 Dólares Americanos flutuou entre 35,3% a 28,2% (NÉRI, 2007), porcentagem essa que certamente era ainda mais alarmante nas periferias da Zona Sul, onde o rapper surgiu e desenvolveu sua arte, então não seria plausível ignorar a realidade a sua volta e nem impedir que a mesma se projete em seus imaginários. E o contexto não poderia ser mais favorável para uma releitura do "Deus que favorece os

⁹ Racionais MC's, "Negro Drama", Álbum Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2. (São Paulo, Gravadora Cosa Nostra, 2002).

¹⁰ Romanos 2:11. Bíblia na versão Almeida Corrigida Fiel. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/rm/2/11>. Acesso em 11/09/2022.

afortunados”. Como é apresentado no trabalho de Montes, alguns fatores em união geram uma transformação no sentido de fé no meio urbano das cidades grandes. Como ela coloca, em um ímpeto de reformar a Igreja Católica, novos líderes buscam atingir ao povo diretamente, fazendo releituras apologéticas de sua história, buscando a caridade aos pobres, e o que é mais interessante aqui, buscando a descentralização, muito por se desvincular do Estado e ou de administrações centrais, permitindo a expansão da fé por áreas periféricas, e também permitindo a metamorfose da fé. Seguindo nessa linha de raciocínio, como a pesquisadora Maria Lúcia Montes disserta:

Um preço, porém, deveria ser pago pelo catolicismo nesse processo. Longe da vida pública, da política e do compromisso com os pobres e suas causas sociais, uma grossa massa de fiéis, ricos assim como pobres, não mais se reconheceria nessa nova Igreja, vista por muitos como incapaz de lhes fornecer respostas quando as exigências da fé não encontravam uma equivalência necessária no plano da política, como ao precisar de conforto diante das agruras da dor íntima, da perda pessoal ou da carência espiritual, no âmbito da vida privada (MONTES, 2012, p.17-18).

Essencialmente, a resignificação do sentido da fé na igreja católica a transforma de tal maneira que muitos antigos fiéis já não se sentem parte dessa organização reformada, como se essa não fosse mais capaz de suprir suas demandas pessoais de conforto e compreensão do mundo a seu redor, pois a fé para o fiel mais ortodoxo deve ser capaz de responder aquilo que o homem é incapaz de fazê-lo, deve ser o "Norte absoluto" do fiel, e a partir do momento que a igreja católica começa a questionar seus próprios simbolismos e história, ela não mais pode ser essa guia moral absoluta. E de forma simultânea e correlacionada a esse processo está a expansão do protestantismo pentecostal no Brasil. Com apoio das missões religiosas estadunidenses, seu capital e sua expertise, o protestantismo ganha força no Brasil na metade final do século XX, comprando espaços publicitários em rádios e jornais, e fazendo mutirões de conversão em eventos e espaços públicos. Com essas táticas o pentecostalismo clássico ou neoclássico, ganham grandes massas de seguidores (MONTES, 2012). Trazendo para o contexto periférico, parecia natural que algum discurso dominante tomasse o vácuo deixado pela perda de poder sobre o imaginário popular que a Igreja Católica sofreu, com alguns dos possíveis motivos por trás da ascensão evangélica sendo listados pelo pesquisador Tiarajú Pablo D'Andrea:

As causas desse crescimento são várias, entre as quais vale citar: o forte apelo proselitista das igrejas evangélicas; a necessidade de uma ética regulatória que orientasse as relações entre os indivíduos, fundamentalmente nos bairros periféricos; a possibilidade de um ordenamento na conduta individual; os ganhos materiais e simbólicos advindos da pertença a uma comunidade; a conexão entre o discurso de algumas igrejas evangélicas e o discurso de prosperidade em voga em vários setores sociais; a possibilidade de sobrevivência ofertada pela pertença à comunidade evangélica em contextos violentos, dentre outros (D'ANDREA, 2013, p.17).

E o que podemos observar nesse contexto de decadência de uma religião predominantemente e ascensão do protestantismo, já que de acordo com o IBGE, até 1980 apenas 6,6% da população se declarava evangélica, com essa proporção subindo vertiginosamente para 22,2% em 2010¹¹, é uma desestruturação das formas de fé então dominantes para dar espaço a uma forte ressignificação da fé: Diante do enfraquecimento ou até perda de sentido das tradições religiosas, a fé se torna um conjunto de simbolismos, práticas e costumes muito particulares as pessoas e grupos específicos de pessoas, se tornando uma espécie de "bússola moral" para os mesmos devendo servir de base para o indivíduo enfrentar a vida num mundo cada dia mais abstrato. Mais do que isso, a fé, na forma de religião organizada, se apresenta como um alicerce de sociedade civilizada, não somente provendo respostas para questões tradicionais como o luto, a vida após a morte, e o maniqueísmo constante da vida humana, mas também provendo respostas para as novas questões da vida modernas como as dificuldades econômicas, problemas sociais e a luta diária para defender suas tradições numa sociedade em rápida transformação. A fé então ganha, além de seu poder pessoal internalizado entre os fiéis, um sentido de ordem, de colocar para os vários sujeitos da sociedade uma espécie de regulamento de conduta, que irá não só limitar a liberdade do sujeito, mas protegê-lo da libertinagem do próximo, como delineia bem D'Andrea:

É fato que o discurso ético-normativo proposto pelos evangélicos passou a ter mais reverberação em contextos dramáticos como o da cidade de São Paulo em meados da década de 1990. Fazer parte de uma comunidade, como no caso das igrejas, e com um certo salvo conduto que o pertencimento ao pentecostalismo oferece, muitas vezes significou a

¹¹ Os dados do IBGE apontam uma constante crescente na demografia evangélica, ao mesmo tempo em que aponta uma histórica redução dos adeptos ao catolicismo, com uma redução mais acentuada nas últimas décadas. IBGE. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Rio de Janeiro: 2012. Site. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em 29/10/2022.

possibilidade da vida em um contexto de morte certa (D'ANDREA, 2013, p. 23).

E é nesse contexto de fé como elemento de ordem social que Mano Brown viveu desde o início de sua vida na periferia, em meio ao início de uma revolução demográfica na forma da estagnação do catolicismo e ascensão do protestantismo, e ainda tendo em mente sua vivência e seus ensinamentos do Candomblé, a fé absoluta em alguma doutrina certamente seria um conceito inviável, fazendo muito mais sentido observar a fé como um objeto de julgamento equalitário, que entenderia os diversos os contextos a ele apresentado e os julgaria de forma justa. Em outras palavras, a fé é a instancia máxima da justiça social e, portanto, delinear as normas sociais que o homem deve respeitar, nas palavras do próprio Mano Brown: O promotor é só um homem, Deus é o juiz¹², ou seja, essa fé equalitária esta acima de qualquer coisa, até mesmo da lei dos homens. Com esse ponto crucial já analisado, vamos observar um trecho da canção *Diário de um Detento*, escrita e performada por Brown onde ele discorre brevemente sobre sua visão de julgamento final, isto é, como suas ações são julgadas por esse Deus que serve como juiz universal:

Ratatatá! Sangue jorra como água
Do ouvido, da boca e nariz
O Senhor é meu pastor
Perdoe o que seu filho fez
Morreu de bruços no salmo 23
Sem padre, sem repórter
Sem arma, sem socorro
Vai pegar HIV na boca do cachorro.¹³

A princípio é interessante situar a cena retratada. Mano Brown nessa música versa sobre o cotidiano na antiga Casa de Detenção de São Paulo, vulgo Carandiru, narrando o trágico episódio do massacre que se passou na mesma, recapitulando o evento desde o dia anterior ao mesmo pelos olhos de um detento fictício. Neste momento do relato do detento, o massacre cometido pela tropa de choque da polícia militar naquele dia já estava em andamento (ONODERA, 2007), como é destacado pela onomatopeia de disparos de arma no começo do verso e pela macabra

¹² Racionais MC's, "Vida Loka Pt. 2", Álbum Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2. (São Paulo, Gravadora Cosa Nostra, 2002).

¹³ Racionais MC's, "Diário de um Detento", Álbum Sobrevivendo no Inferno. (São Paulo, Gravadora Cosa Nostra, 1997).

descrição de um homem sangrando até a morte após aparentemente ter sido atingido por esses disparos. Crucial antes de analisar o trecho é notar a referência do Salmo 23, que esta na Bíblia como:

O Senhor é o meu pastor, nada me faltará.
Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas.
Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome.
Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.
Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda.
Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias.¹⁴

O trecho da música explicita uma referência a esta passagem da Bíblia, inclusive parafraseando a passagem "O Senhor é meu pastor", que fala sobre a morte e a possibilidade de uma paz transcendental que a acompanha, ao mesmo tempo em que constrói uma cena brutal e trágica. A passagem "Morreu de braços no Salmo 23" ganha então um significado poderoso, na forma de um homem a beira da morte, num cenário de puro terror que se agarra as palavras de conforto de sua fé. Aliado a essa cena, está o clamor do narrador da cena, Mano Brown, que pede para que Deus absolva seu filho que acabou de morrer agarrado a crença no mesmo representada por este Salmo, o que parece ter um significado muito importante. A passagem bíblica se inicia numa forma de mantra, onde o fiel, antes de qualquer coisa, rende toda a sua reverencia a este Senhor e entende que como retorno, esse Deus proverá a solução no momento da necessidade. Esse Deus garantirá o conforto de seu fiel na agonizante passagem para morte, como é descrito nos versículos seguintes, só que o mais importante está nas duas frases finais do capítulo. O trecho "Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos" nos traz alguns elementos de grande importância, um deles é que o seguidor dessa fé, ou dessa ordem social como apresento nesse trabalho, se exime de fazer julgamentos sobre seus inimigos, nesse caso em específico provavelmente os homens responsáveis por sua morte (agentes externos que o colocaram na prisão onde ocorreu seu assassinato, aqueles que deram a ordem de execução, e o próprio agente executor de sua morte), requisitando que esses homens sejam

¹⁴ Salmos, Capítulo 23. Bíblia na versão Almeida Corrigida Fiel. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/23>. Acesso em 02/11/2022.

colocados a sua frente, em posição de igualdade, onde o fiel entregará a Deus, o juiz final, o julgamento das ações em vida. Assim sendo, a religião como mantenedora da ordem e o Deus dela como juiz final e absoluto, se faz presente na arte de Mano Brown. Outra passagem que podemos destacar sobre o tema é o trecho da música *Vida Loka Pt. 2*, composta e performada por Mano Brown sob a bandeira de seu grupo musical:

O que tiver que ser,
Será meu
'Tá escrito nas estrelas,
Vai reclamar com Deus¹⁵

Nesse trecho, Brown em tom revoltoso, parece se voltar contra toda aquela que demonstra em raiva ou inveja em relação a ele, implica que suas conquistas são predestinadas, isto é, algo maior que qualquer pessoa ou organização o definiu como recipiente dessas conquistas. Com isso, ele reforça a representação de Deus como o juiz final, o colocando como a entidade que qualquer terceiro deve contestar se sentir lesado em relação a Mano Brown, já que esse Deus possui o julgamento absoluto de todas as causas. O mais interessante nessa passagem, entretanto, certamente é característica determinista que o rapper dá a essa figura de Deus. A figura divina é colocada como aquela que deve julgar todas as situações numa forma figurada, pois o rapper acredita que as histórias de todos já estão determinadas por esse Deus. Isso adiciona certo nível de complexidade ao imaginário do rapper, pois se todas as trajetórias humanas já estão determinadas por esse Deus, colocando que o indivíduo tenha confiança integral na justiça absoluta divina, o mesmo deve acreditar que todas as suas ações são justificáveis diante do julgamento dessa figura superior, o que certamente faz esse indivíduo ter muita confiança em suas ações e se sentir um seguidor assíduo da justiça divina.

Esse conceito se desenhará com mais clareza na sequência desse trabalho, pois como podemos observar, essa confiança em seus próprios atos por eles serem “abençoados” por Deus, aparecerá em diferentes formas ao longo da minha análise, uma dessas formas certamente será a comparação da natureza do homem periférico a de Jesus Cristo, o Deus Filho, que irei dissertar em seguida.

¹⁵ Racionais MC's, “Vida Loka Pt. 2”, Álbum Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2. (São Paulo, Gravadora Cosa Nostra, 2002).

DEUS FILHO, “O JESUS NEGRO”

Discutindo sobre a questão racial das figuras bíblicas, Mano Brown e seu entrevistado Pastor Henrique Vieira, ainda no mesmo episódio de seu *podcast*, se encontram abordando o tema da raça de Jesus, mais especificamente sobre a representatividade da mesma e o impacto cultural dessa desconstrução de conceitos de um possível “Jesus Negro”. Após um pouco de debate, o Pastor apresenta uma indagação, que pontua bem o teor dessa discussão onde diz: “Por que o ‘Jesus Branco’ não precisa de defesa? E por que o ‘Jesus Negro’ você tem que provar?”.¹⁶ Essa pontuação faz Brown se recordar de uma situação onde se deparou com essa necessidade de justificar a raça de Jesus:

Eu já tive uma discussão com um cara onde eu queria fazer um Jesus Negro no meu carro, aí ele falou ‘é só no seu mundo que Jesus é negro’. Falei ‘no meu mundo não, mas no meu carro ele é porque o carro é meu’ [...] mas teve essa discussão com um cara que nem era branco [...] ele achava agressivo para ele ouvir eu dizer que ia por um Jesus de rastafári no meu carro (BROWN, 2021).

No seguimento da discussão, Brown traz a questão de Jesus ser originário do povo semita, que certamente não era composto por uma maioria de pessoas de aparência caucasiana europeia, assim como provavelmente também não eram pretos de aparência subsaariana, possivelmente sendo um povo misto, com a pele de tom mais próximo do preto do que do branco¹⁷. Brown recusar a visão absoluta no “Jesus Branco” certamente não é novidade. Na canção *Salve* de 1997, escrita e performada por ele junto de seu parceiro de Racionais MC’s, Ice Blue, ele já apontava com maior veemência sua visão sobre a questão naquela época:

E pros filha-da-puta que querem jogar minha cabeça pros porco:
Aí, tenta a sorte, mano!
Eu acredito na palavra de um homem de pele escura, de cabelo crespo
Que andava entre mendigos e leprosos, pregando a igualdade
Um homem chamado Jesus!

¹⁶ Mano Brown recebe o Pastor Henrique Vieira. In: MANO A MANO. Spotify Brasil, São Paulo: 2021. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/45r8gNvz5usLdNjcdprGJy?si=OTHs_MVRSQ2TE6c7GU8M3Q&utm_source=copy-link. Acesso em 09/09/2022.

¹⁷ Mano Brown recebe o Pastor Henrique Vieira. In: MANO A MANO. Spotify Brasil, São Paulo: 2021. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/45r8gNvz5usLdNjcdprGJy?si=OTHs_MVRSQ2TE6c7GU8M3Q&utm_source=copy-link. Acesso em 09/09/2022.

Só ele sabe a minha hora.¹⁸

Com isso colocado, podemos observar que desde 1997, e muito possivelmente antes, o rapper já possuía essa visão desconstruída da religião, que faz antítese as concepções eurocêtricas mais hegemônicas dessa religião. Expandindo sobre a questão racial do discurso de Brown, que definitivamente influencia sua visão plurirreligiosa de fé, o pesquisador Maik Antunes, analisando esse mesmo trecho da música *Salve* traz uma leitura contundente do tema:

Contrariando a expectativa daqueles que, pela primeira vez, inclinavam-se a ouvi-los, os ditos “quatro pretos mais perigosos do Brasil” ali se valiam de elementos como “pele escura”, “cabelo crespo” e a própria condição de excluído e marginal – típica de “mendigos” e “leprosos” – para construir sua própria representação da divindade cristã, a qual, sendo apresentada como “negra”, poderia ser interpretada como atuando, no mínimo, de duas formas: primeiro, cometendo a “insolência”, aos olhos de muitos – especialmente daqueles mais “piedosos” –, de desafiar as tradicionais representações europeizadas do Cristo e, não apenas elas, mas, também, as ainda existentes representações racialmente inferiorizantes a respeito do “negro”, sobretudo quando semelhante espécie de “contraimagem” se impusesse com base nos mesmos elementos que, no seio de uma sociedade racista, teriam sido recusados como indicativos de “inferioridade racial”, tal como seria o caso do “cabelo crespo” ou mesmo da “pele escura”; e, segundo, permitindo que, através, sobretudo, da “cor”, o “negro” se identificasse com esta mesma representação, tendo, assim, razões para “se assumir” e “se autovalorizar”, porque ali, diante dele, estaria um Cristo igualmente “negro”, oferecendo-se como a própria “salvação” – porque no meio de “mendigos” – e também como a própria “cura”, porque andando entre “leprosos” (ANTUNES, 2015, p.83-84).

Como o pesquisador coloca precisamente, Mano Brown traz uma absoluta desconstrução da imagem hegemônica da figura de Jesus, o colocando como um homem de pele escura e cabelo crespo, representação que por si só deve causar revolta por subverter um elemento caucasiano europeu numa sociedade predominantemente racista e ainda reforçando a sua virtude social, o colocando como alguém que vive em meio à mendigos e enfermos, que apesar de estar em linha com a natureza desprovida de preconceitos que Jesus possui na Bíblia, ainda é um forte ataque as elites que se colocam como mantenedoras das práticas cristãs corretas apesar de não colocar o devido esforço na questão social da fé.

São por essas linhas de subversão de conceitos que Brown constrói a figura de Jesus em sua arte, mas não somente ela, como a figura do homem periférico

¹⁸ Racionais MC's, “Salve”, Álbum Sobrevivendo no Inferno. (São Paulo, Gravadora Cosa Nostra, 1997).

também. Vivendo em um ambiente hostil, próximo a criminalidade e a violência estatal, é comum se observar a urgência masculina de parecer “Durão”, isto é, se usar estratégias e habilidades interpessoais para se tornar alguém desprovido de medo, que possa enfrentar qualquer situação adversa sem grandes prejuízos e que possa inspirar confiança em membros de seu círculo social. Entretanto, provido de sua natureza subversiva e seu imaginário plurirreligioso, Brown, subverte a figura de Jesus a sua necessidade, como observaremos nesse trecho da música *Jesus Chorou*, de autoria do mesmo:

(É quente) Borrou a letra triste do poeta
 (Só) Correu no rosto pardo do profeta
 Verme sai da reta,
 A lágrima de um homem vai cair,
 Esse é o seu BO pra eternidade
 Diz que homem não chora,
 Tá bom, falou,
 Não vai pra grupo irmão aí,
 Jesus chorou!¹⁹

Fazendo o uso de que a Bíblia põe Jesus como um semelhante de todo e qualquer humano, ao mesmo tempo em que é a manifestação física do poder divino, Brown coloca que o homem pode ter e demonstrar suas emoções, em antítese a necessidade de reprimir seus sentimentos que um homem desprovido de medo deveria ter, pois a manifestação física de Deus era apenas um homem como qualquer outro²⁰, e ele se permite ter e demonstrar emoções²¹, logo, se a manifestação carnal de Deus pode ter sentimentos, todo e qualquer homem também pode os ter, sem sofrer qualquer tipo de prejuízo pelos mesmos. Sendo assim, Brown aqui apresenta novamente sua genialidade lírica, desenvolvendo uma argumentação simples e eficiente, baseada na liturgia cristã com sua leitura própria desprovida de fortes preconceitos religiosos, capaz de refutar um conceito

¹⁹ Racionais MC's, “Jesus Chorou”, Álbum Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2. (São Paulo, Gravadora Cosa Nostra, 2002).

²⁰ O três primeiros versículos do quarto capítulo do livro 1 João da Bíblia se leem como: “Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já agora está no mundo”. Em outras palavras, Deus coloca Jesus Cristo como um homem “feito de carne” e renuncia a qualquer pessoa que discorde dessa afirmação. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1jo/4/1-3>. Acesso em 19/09/2022.

²¹ O versículo 35 do décimo primeiro capítulo do livro João coloca de forma pontual: “Jesus chorou”. Bíblia na versão Almeida Corrigida Fiel. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/11/35>. Acesso em 18/09/2022.

firmemente enraizado na cultura periférica: Comparando sua própria natureza humana a de Jesus, o rapper cria uma maneira contundente e coesa com a fé dominante de justificar suas possíveis fraquezas, chegando ao ponto de criar certa exaltação a esses mesmos traços que passam a ser virtudes louváveis por aproximá-lo da figura máxima do cristianismo.

A comparação do homem comum a figura de Jesus Cristo não foi um elemento pontual no imaginário de Mano Brown, mas sim algo comum em sua arte e declarações públicas. Como observaremos neste trecho de *Vida Loka Pt.2*, esse elemento surgirá novamente, e dessa vez sofrerá uma maior problematização pelas mãos do rapper:

Enquanto Zé Povinho apedrejava a cruz
E o canalha, fardado, cuspiu em Jesus
Oh, aos 45 do segundo arrependido
Salvo e perdoado, é Dimas o bandido
É 'loko o bagulho, arrepiá na hora
Oh, Dimas, primeiro vida 'loka da história²²

No trecho, Brown faz uma perspicaz reinterpretação da clássica cena bíblica conhecida como a “Crucificação de Cristo”²³. O rapper traz a cena para um contexto periférico contemporâneo: Os espectadores que atiravam objetos contra o corpo de Cristo durante a sua execução são colocados como “Zé Povinho”, expressão popular comumente utilizada para descrever de forma ofensiva pessoas que buscam obter informações sobre pessoas e situações alheias a mesma, unicamente por motivos maliciosos como fazer julgamentos precipitados, espalhar informações de conteúdo sensível com outras pessoas, e outras ações que trazem perturbação ao meio periférico. Os soldados romanos encarregados da execução se tornam os “Canalhas Fardados” em óbvia alusão aos policiais, que devidamente fardados são responsáveis pela violência estatal cometida contra os indivíduos marginalizados da periferia. E talvez o mais importante, Jesus Cristo, aqui é colocado como mais uma vítima do sistema, recipiente de uma justiça brutal que favorece a classe dominante,

²² Racionais MC's, “Vida Loka Pt. 2”, Álbum Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2. (São Paulo, Gravadora Cosa Nostra, 2002).

²³ O capítulo 23 do livro de Lucas da Bíblia narra toda a cena da Execução de Cristo, desde as acusações ao mesmo sendo lidas publicamente pelo chefe militar da região, Pilatos, ao uma multidão inflamada, sua derradeira condenação, os castigos físicos e a humilhação que sofreu nos seus últimos momentos de vida, sua execução na por Crucificação e o recolhimento de corpo sem vida. Bíblia na versão Almeida Corrigida Fiel. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/lc/23>. Acesso em 02/11/2022.

ao colocar os membros das classes mais baixas em conflito consigo mesmo, sofre uma execução em praça pública, com direito a torturas e humilhações executadas pelas forças do Estado e apoiadas pelo povo alienado.

Em condição de igualdade com Jesus nessa cena, está o homem que será o vetor da comparação humano-divina que Brown fará nessa cena: Dimas, em suas palavras, “o primeiro Vida Loka da história”. Como narra a cena bíblica, ainda dentro desse mesmo capítulo, ao lado de Jesus, havia dois homens condenados, igualmente crucificados, enquanto um deles gozava da situação de Jesus, o outro o reprendia, ressaltando que o Deus Filho nem mesmo merecia tal punição, pois não havia cometido nenhum crime, diferente deles que estavam sendo punidos com justiça por seus crimes. Após essa reflexão sobre seus erros em vida, este segundo condenado, aceita Jesus como seu salvador e o pede que se lembre dele quando ascender ao seu reino. O Deus Filho aceita o pedido de redenção do segundo condenado que recebe sua benção para ascender ao paraíso. Embora carente de nomeação na Bíblia, o segundo condenado é popularmente conhecido como Dimas, e sua figura é uma espécie de marco cristão da redenção, exemplificando que qualquer um pode alcançar a salvação, independente do que tenha feito, se aceitar o Deus cristão como seu salvador. Com isso colocado, essa representação de Dimas, ou mais tecnicamente do criminoso perdoado por Jesus, possui enorme apelo a cultura periférica, em especial a alas mais ligadas ao crime. Numa leitura mais rasa, já podemos observar o poder carismático que essa figura tem a esse universo periférico, fortemente exposto a religião e ao crime, já que o mesmo é colocado na bíblia como um homem marginalizado, condenado pelas forças estatais e muito possivelmente humilhado pelo público presente, assim como Jesus. Analisando com maior cuidado, ele é por definição um criminoso, e tão importante quanto, ele não busca justificar seus erros, pelo contrário, ele admite os mesmos numa forte expressão de honestidade e resistência ao poder legal da sociedade dos homens, já que para ele, o único julgamento que importa é o divino (também retornando ao conceito de religião como legislação máxima da conduta dos homens e a figura de Deus como juiz único e final de suas ações), então ele é nada menos que um criminoso que somente teme a Deus, elementos sumários de um suposto “Vida Loka” descrito nas letras de Mano Brown.

Retornando a questão da comparação humano-divina, a genialidade de Brown nesse trecho então se faz por resgatar essa icônica figura bíblica, o criminoso perdoado, e colocá-lo nesse âmbito de igualdade a figura de Jesus: Trazendo a cena bíblica dentro dos termos que ela é apresentada, Brown consegue trazer esse Jesus para o contexto periférico e lembrar aqueles que ouvem essa música, que o mesmo foi executado em condição de igualdade a um criminoso comum, a um “Vida Loka” qualquer como tantos outros que são executados pelo sistema legal, sejam mortos em operações policiais ou dentro de presídios. O rapper então novamente desconstrói a figura divina para fortalecer sua narrativa de homem periférico, para de certa maneira dar a “benção divina” a conduta dessas pessoas marginalizadas, assim como a fez para justificar a virtude de um homem que chora, num trecho analisado anteriormente.

Com as colocações apresentadas, podemos observar que existem diferenças na representação do Deus Filho em relação ao Deus Pai. Como dissertei anteriormente, para Brown, o Deus Pai se apresenta como a figura da bússola moral, aquele possui o poder absoluto de julgamento, executor de uma justiça que sobrepõe aquela dos homens. Por sua vez, Jesus, que também é entendido como uma figura de poderes sobrenaturais, já que pode garantir a salvação da alma de Dimas ao perdoá-lo durante sua execução como é colocado em um trecho analisado acima, é apresentado como uma figura humanizada e isso é reforçado por duas questões: A primeira é por ser pivô de uma discussão racial. Colocando em segundo plano seu importante entendimento de empoderamento preto e suas discussões sobre o tema, me limito a apontar a importância de dar uma “raça” ao Deus Filho, o que por si só humaniza sua figura, já que apenas um humano poderia ter a “raça branca” ou “raça preta” nos termos humanos da questão, diferente do Deus Pai, que é apresentado por Brown como uma figura acima das concepções humanas raciais, recebendo dos humanos suas próprias projeções de aparência, como ele mesmo coloca dissertando sobre a aparência dessa figura “O Altíssimo seria esse Deus invisível, que depois colocaram barba branca” (BROWN, 2021), ou seja, o Deus Pai transcende questões de aparência humana, enquanto Jesus, o Deus Filho, não somente possui a forma humana, como pode ser o receptáculo de discussões muito relevantes a respeito das características dessa forma, neste caso a raça. O segundo ponto de humanização de Jesus é a sua equiparação com a condição humana

durante sua execução, em outras palavras, o Deus Filho é colocado na posição de “julgado”, vale notar que pela lei dos homens e não a divina, mas ainda sim, fazendo uma clara antítese a forte figura de “juiz absoluto” do Deus Pai. O Jesus colocado por Brown é executado como um homem comum, na mesma condição de um criminoso qualquer, vítima de uma “brutalidade estatal” e da ira de um povo inflamado, uma figura extremamente humanizada em relação a natureza soberana do Deus Pai.

Essas considerações são cruciais para o trabalho em dois níveis, o primeiro e ponto principal desse tópico, é entender a concepção de Deus Filho do rapper, como uma figura que possui poderes divinos, sendo realmente uma possível encarnação do poder do Deus Pai, mas ainda altamente humanizada, passível de discussões sobre as suas características humanas, além de ser uma figura tratada com a crueldade humana que somente um semelhante pode ser vítima, com humilhações, torturas, e equiparações diretas com outros homens.

Outro elemento de interesse para meu trabalho que Brown apresenta no trecho de *Vida Loka Pt.2* é a figura de Dimas, o malfeitor sem nome da Bíblia que morre ao lado de Jesus na cruz. Brown o apresenta como um “mártir criminoso”, que não tenta justificar seus atos criminais em seus momentos finais para buscar algum tipo de paz interior, pelo contrário, não somente admite seus erros em vida como os confessa a Jesus e implora com sucesso seu perdão. O elemento do homem criminoso periférico que apenas responde a justiça divina já foi abordado aqui, mas um outro conceito interessante aparece na letra dessa mesma música: A do “Guerreiro de Fé”. Brown coloca Dimas como o “primeiro Vida Loka da história”, mas logo em seguida da música, o rapper discorre:

Eu digo: "Glória, glória"
Sei que Deus 'tá aqui
E só quem é
Só quem é vai sentir
E meus guerreiro de fé
Quero ouvir, quero ouvir²⁴

²⁴ Racionais MC's, “Vida Loka Pt. 2”, Álbum Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2. (São Paulo, Gravadora Cosa Nostra, 2002).

Logo após apresentar essa figura de mártir criminoso, Brown apresenta a questão do “Guerreiro de Fé”, e como tentarei construir na sequência do trabalho, essa figura na representação do rapper pode ser algo muito maior do que apenas um homem temente a sua fé, possivelmente sendo a manifestação espiritual do poder divino, o Espírito Santo.

ESPÍRITO SANTO E O “GUERREIRO DE FÉ”

Em certo ponto da entrevista, Brown e seu entrevistado se veem comentando sobre a natureza dos cultos, suas práticas e os possíveis significados dos mesmos, quando o rapper da experiência que teve com o culto *Seicho-no-je*, que visitou junto com sua mãe que era praticante, o que acaba iniciando uma linha de raciocínio muito reveladora sobre seu entendimento de religião:

Eu cheguei a ir com a minha mãe (nos cultos de Seicho-no-je), é interessante, eu tinha a sensação de sair leve, eles repetiam sempre o mesmo mantra, eles falavam sempre o mesmo mantra repetidas vezes, muitas vezes, muitas vezes, muitas vezes, minha mãe, ela não sabia ler, ela passou a repetir lendo o livro [...] eu vejo que muitas religiões trabalham na forma do mantra, inclusive a pentecostal, que beira o transe ou já está em auto transe? [...] Seria uma energia quântica, Pastor? É quântico? Candomblé é quântico? (BROWN, 2021).

É necessário trazer luz a dois pontos que ele faz menção, o primeiro sendo o “sair leve”. Ele implica que a presença aliada de tomar parte nas práticas nesses cultos o alivia do *stress* e da tensão que o mesmo sentia antes de participar do culto, deixando seu corpo e muito possivelmente sua mente relaxada, e o caminho para atingir esse estado de relaxamento é tomar parte na prática sugerida pelo culto, que é o segundo ponto que creio ser crucial nesse trecho, a prática dos mantras. Brown comenta que essa repetição incessante de ações, essa fala que se repete várias vezes começa a afetar o indivíduo que as proclama, como se as palavras proferidas pela pessoa começam a entrar pelos seus próprios ouvidos e causar efeitos extraordinários no mesmo. Para ele, esse rito gera o que o mesmo considera uma “energia quântica” que põe o indivíduo em uma espécie de transe, desconectado de sua realidade imediata, possivelmente em contato com algo além da compreensão. Brown então segue sua linha de raciocínio, expandindo no seu entendimento e comparando ritos de outras religiões:

O cara canta uma música em forma de roda, muitas vezes, muitas vezes, muitas vezes, pedindo aquilo, pedindo aquilo e as pessoas também repetem e aquilo vira uma energia, energia quântica é isso, e eu vejo que o pentecostal também é isso [...] Repete muito e grita e grita alto e repete e aquilo é um mantra, e as pessoas estão dançando na igreja, eu já vi James Brown, já vi Michael Jackson, eu já vi uns caras pegando fogo na igreja, dançando forte e eu respeito (BROWN, 2021).

Novamente ele utiliza o conceito da “energia quântica”, agora se aprofundando na sua teoria sobre esse elemento: A repetição dos ritos, em especial os cantos agem como uma forma de pedido, que quanto mais repetido, mais energia gera, mais forte se transforma. E também nessa linha, ele implica que acredita nesse poder, pois relaciona esses pedidos, que geram essa energia ao transe das pessoas, que tomadas por esse poder sobrenatural começam até mesmo a dançar na igreja, como ele coloca no fim do trecho. Desta maneira, é como se essa suposta “energia quântica” começasse a agir nas mentes e corpos das pessoas. Com isso colocado, eu acho necessário trazer um paralelo vindo do Novo Testamento da Bíblia, mais especificamente no segundo capítulo do livro Atos, onde em seus quatro primeiros versículos um evento semelhante ao descrito por Brown, também de natureza sobrenatural, ocorre:

E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar;
E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados.
E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles.
E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.²⁵

O evento descrito nessa passagem bíblica é de grande importância para a mitologia cristã e de especial interesse para a discussão deste trabalho. Na cena apresentada, acontece uma reunião de seguidores da seita de Jesus Cristo, durante a qual uma energia sobrenatural desce a Terra com um “vento veemente e impetuoso” tomando todos os ambientes e afetando as pessoas reunidas. O efeito dessa força causa uma certa histeria nas pessoas, que cheias dessa energia sobrenatural começam a falar em línguas incomuns, como se algo controlasse suas falas. Essa força é nomeada na Bíblia, sendo a própria manifestação intangível de Deus, o Espírito Santo.

Quando colocamos ambos os eventos que destaquei lado a lado em comparação, notamos algumas duas semelhanças cruciais, uma delas é o suposto poder sobrenatural que surge no ambiente que se mostra capaz de tomar controle das ações das pessoas envolvidas (nos rituais descritos por Brown põe os

²⁵ Atos 2:1-4. Bíblia na versão Almeida Corrigida Fiel. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/atos/2>. Acesso em 13/09/2022.

indivíduos em transe e até faz alguns deles dançar de forma frenética em quanto que no evento descrito na Bíblia, um transe toma a capacidade de fala das pessoas, inclusive as fazendo falar em línguas estranhas). A outra semelhança crucial é a “reunião em fé”. Assim como nos cultos destacados pelo rapper, onde certamente a maioria dos presentes devem ser pessoas crentes no culto, o evento bíblico também se passa em uma reunião composta por crentes da seita.

O ponto que busco alcançar com essa análise é iluminar a visão “plurirreligiosa” de Brown em relação a mitologia Cristã, aqui em especial a alegoria do Espírito Santo. Sendo esse Espírito uma das manifestações do Deus Cristão e observando a natureza no imaginário religioso do rapper, se faz natural que ele observe esse tipo de manifestação de Deus em qualquer evento religioso que respeite as condições mínimas da invocação dessa força (sendo as principais dessas condições a fé no culto e ou na figura central do mesmo e a reunião em pedido).

Colocado que Brown acredita na manifestação espiritual do poder de Deus, isto é, que a pessoa que atenda as condições mínimas possa receber em si o poder divino, que é capaz de desorientar seus sentidos e tomar controle de seu corpo, seria essa a única forma do poder divino se manifestar entre os homens pelo imaginário de Brown? Como observado anteriormente neste trabalho, o rapper parece se considerar um temente absoluto dessa figura de Deus, respeitando plenamente o suposto determinismo de futuro feito por essa figura superior, mas há de se indagar, seria esse compromisso em seguir o desejo divino algo espontâneo ou uma manifestação divina por si só? Para enriquecer essa problematização apresento o trecho de *Jesus Chorou*, de autoria e performance de Mano Brown:

Porra, vagabundo
 Ó, vou te falar
 Tô chapando
 Eita, mundo bom de acabar!
 O que fazer quando a fortaleza tremeu
 E quase tudo ao seu redor
 Melhor, se corrompeu?

Epa, pera lá! Muita calma, ladrão.
 Cadê o espírito imortal do Capão?
 Lave o rosto nas águas sagradas da pia
 Nada como um dia após o outro dia?

Que?

Quem sou eu, seu lado direito
 Tá abalado? Por que veio?
 Nego, é desse jeito!?

Durmo mal, sonho quase a noite inteira
 Acordo tenso, tonto e com olheira
 Na mente, sensação de mágoa e rancor
 Uma fita me abalou na noite anterior.²⁶

Esta passagem se inicia com um Brown desesperançoso, revoltado com o mundo, afirmando que os elementos que antes o traziam alegria e confiança se corromperam, e a sua “fortaleza tremeu”, ou seja, seu refúgio moral parece estar abalado por uma possível degradação de elementos virtuosos que o cercavam. Essa degradação é descrita logo em seguida ao trecho, quando Brown explica qual foi “a fita que o abalou” na noite anterior. Como este não é ponto principal da análise, me limito a resumir que nesta explicação Brown diz ter ouvido um amigo narrar uma cena que lhe deixou desesperançoso com o mundo a seu redor. O amigo de Brown diz que presenciou um terceiro homem, em um momento de aparente franqueza, questionar a índole de Brown, dizendo que o mesmo não está verdadeiramente engajado em qualquer causa social, só busca seu próprio sucesso financeiro e que tal situação o frustrava tanto, que em um possível encontro com Brown, poderia até mesmo atentar contra sua vida. Diante disso, Brown fica perplexo, mas responde a esse terceiro homem que ele se refere como “Inimigo Invisível” e “Judas Incolor”, que esse não entende suas ações e nem a natureza de seu caráter, e que tudo que faz com seu sucesso é por amor a seus pares da periferia.²⁷

O abalamento das fortalezas morais de Brown então vem do ódio que o mesmo recebe daqueles que ele considera “irmãos”, um ódio motivado por questões socioeconômicas que acaba respingando em questões raciais: A ascensão de um homem preto não trouxe aqui felicidade para outro homem preto, e sim revolta originada por questões sociais tão profundas que Brown não pode simplesmente superá-las, o que lhe trás revolta consigo mesmo por sua impotência diante de tal situação, contra uma sociedade que possui problemas gravíssimos enraizados de difícil solução e contra possíveis terceiros que se posicionaram contra ele de forma “injusta”, que assim como esse, serão produtos desta sociedade problemática.

²⁶ Racionais MC's, “Jesus Chorou”, Álbum Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2. (São Paulo, Gravadora Cosa Nostra, 2002).

²⁷ Racionais MC's, “Jesus Chorou”, Álbum Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2. (São Paulo, Gravadora Cosa Nostra, 2002).

É nesse contexto de desespero que Brown apresenta uma interessante ferramenta narrativa, criando uma voz interna que se apresenta como seu “Lado Direito”, e interage com as falas do rapper, se manifestando na segunda e na quarta estrofe do trecho apresentado. Essa voz, a primeira vista, manifesta a colocada tensão da cena: O rapper se sente tão desolado neste mundo que parece não entender a virtude de suas ações que acaba recorrendo a si mesmo na busca por algum sentido, ouvindo os argumentos vindos de seus próprios pensamentos. Entretanto, se observado com mais cuidado, essa voz pode ser considerada uma espécie de medida desesperada de sua alma de preservar o espírito divino dentro do rapper, não atoa, essa voz o lembra que no mesmo habita o “espírito imortal do Capão”, e que com o mesmo, só lhe basta aguardar, pois o tempo o curará de suas “feridas internas”. Esse poderoso espírito que habita em Brown, capaz de consolá-lo nos momentos de desespero parece ser mais um elemento que caracteriza o “Guerreiro de Fé”, que como apresentarei em seguida é uma figura de forte valor religioso e social nas letras de Mano Brown, e pode ser a manifestação humana de um poder extraordinário.

O “Guerreiro de Fé” faz a sua aparição na letra de *Vida Loka, Pt. 2*, escrita e performada por Brown sob a bandeira de seu grupo Racionais MC’s, e na passagem a seguir destacada por mim, ele resalta vários dos conceitos cruciais que formam essa figura, e nos permite uma extensa análise:

Porque o guerreiro de fé nunca gela
 Não agrada o injusto, e não amarela
 O Rei dos reis, foi traído, e sangrou nessa terra
 Mas morrer como um homem é o prêmio da guerra
 Mas ó, conforme for, se precisa, afoga no próprio sangue, assim será
 Nosso espírito é imortal, sangue do meu sangue
 Entre o corte da espada e o perfume da rosa
 Sem menção honrosa, sem massagem.
 A vida é loka, nêgo
 E nela eu tô de passagem
 A Dimas, o primeiro
 Saúde guerreiro!
 Dimas, Dimas, Dimas²⁸

Começando pelo fim, é interessante notar a nova aparição da figura de Dimas, o malfeitor crucificado ao lado de Jesus. Essa figura dentro da representação

²⁸ Racionais MC’s, “Vida Loka, Pt. 2”, Álbum Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2. (São Paulo, Gravadora Cosa Nostra, 2002).

de Brown já foi analisada em maiores detalhes neste trabalho, com isso estabelecido, o que é interessante notar nesta passagem é a associação feita pelo rapper entre a figura de Dimas e a do Guerreiro de Fé, o fazendo uma contundente saudação no fim do trecho. Isso é interessante devido ao fato de que esse Dimas é colocado como o primeiro “Vida Loka” da história anteriormente na música, e já aqui ele é novamente lembrado como o “primeiro”, mas no contexto em que Brown comenta sobre o ser “Guerreiro de Fé”. Essa mistura dos dois elementos não me parece ser feita por engano ou acaso na letra do rapper, muito pelo contrário, esses termos são colocados quase que de forma homônima ou sinérgica porque elas estão de fato correlacionadas: O Vida Loka é um Guerreiro de Fé, que vive por sua honra e sua dignidade, batalhando todos os dias para garantir seu próximo “amanhã”, temente somente a Deus e sua justiça absoluta, em outras palavras, o Guerreiro de Fé é aquele que vive uma Vida Loka dentro das temáticas estabelecidas por Brown em suas letras, expostas e analisadas neste trabalho.

Observando que Dimas é um Guerreiro de Fé, podemos estabelecer algumas das características principais deste tipo de figura, uma delas é sua observância da lei absoluta divina. Como Brown dramatizou anteriormente nesta música, e eu analisei previamente, o Malfeitor claramente não possui um respeito elevado pelas leis do homem, admitindo as ter descumprido, e acima disso, acredita poder receber a absolvição de seus crimes terrenos ao apelar para o Deus Filho, Jesus Cristo. Isso é uma das mais marcantes características do Guerreiro de Fé, dar importância ao julgamento divino em detrimento a qualquer lei humana. Outro aspecto ainda mais crucial a respeito de Dimas é a questão de que o mesmo aceitou receber a graça divina. Ao implorar com sucesso que Jesus perdoasse seus pecados e o aceitasse em seu paraíso eterno, ele aceitou receber em seu corpo um poder sobrenatural, capaz de tornar sua alma imortal, já que o mesmo teria seu lugar ao lado do Deus Filho no paraíso pela eternidade.

Assim colocado, o Guerreiro de Fé deve aceitar para si a benção do poder sobrenatural divino, que o garantirá a vida eterna ao lado de Deus, ou seja, essa figura deve aceitar o poder divino dentro de si, ação essa, que por sua vez, pode ser uma manifestação do Espírito Santo. A ação de verdadeiramente aceitar o Espírito Santo por si já configura uma ação que excede as normas naturais humanas, o que pode ser a ação de uma força sobrenatural que toma as faculdades físicas e mentais

do indivíduo, em outras palavras, de forma paradoxal o Guerreiro de Fé precisa ter o Espírito Santo em si para aceitar o poder divino.

Avançando na questão, a aceitação do Espírito Santo se coloca aqui como caminho para a eternidade, mas para ascender a esse plano, é necessário passar pela vida terrena, e assim como analisei no capítulo sobre o Deus Pai, a vida desse homem periférico temente a Deus deve ser pautada pela virtude moral. Como Brown define no início do trecho, esse Guerreiro de Fé precisa ter um forte caráter e muita coragem, e como posso notar esses dois elementos se combinam naturalmente: É necessário ter uma ética muito concreta, pautada no temor a Deus e na esperança de alcançar a eternidade para não deixar a mesma se contaminar por um mundo repleto de ameaças as virtudes divinas, e é necessário ter a coragem inabalável para “não gelar”, isto é, não se render ao homem injusto e suas atitudes incompatíveis a lei divina. Essa virtude inabalável pautada na fé faz o homem por seu temor a Deus acima de qualquer questão terrena, inclusive sua integridade física.

O Guerreiro de Fé não teme por sua vida terrena finita, e isso é exemplificado pelas várias passagens onde Brown diz não temer a morte: “Afogar no próprio sangue” e “morrer como homem” não são um problema para o rapper, sendo na verdade um suposto “prêmio da guerra” pois para o Guerreiro de Fé, a coisa mais importante no plano de terreno é sobreviver independente das leis do homem, permanecendo temente apenas a lei divina, afinal, seu espírito é imortal, banhado pela graça do poder divino e tudo o que importa é estar perante de Deus no dia do julgamento final, pois só este será capaz de julgá-lo, em outras palavras, o Guerreiro de Fé deve aceitar o Espírito Santo dentro de si, o que a tornará sua bússola moral, por ele o mesmo será capaz de viver dentro das leis divinas, num plano terreno onde ele está “apenas de passagem”, e se preparar para o dia derradeiro, o dia do juízo final, onde será colocado perante a Deus para o seu justo julgamento.

Com esses apontamentos, a figura do Guerreiro de Fé certamente é apresentada como possuidora de características sobrenaturais intrinsecamente relacionadas ao poder divino, e por ser colocada em uma devida ordem espiritual dentro do plano terreno, me parece ser a manifestação do Espírito Santo, uma faceta da Santíssima Trindade, de aparência pouco mais abstrata em relação as outras duas facetas, que são apresentadas com mais clareza nas letras das

músicas, mas ainda sim, com as características sobrenaturais que identificam a divindade da figura e com a diferenciação necessária das outras figuras, já que o Espírito Santo é apresentado como uma força que atua dentro do indivíduo, diferente da figura do Deus Pai colocada como um certo mantenedor do juízo final, acima de qualquer característica humana, e da figura do Deus Filho, que por sua vez é colocada como tangível, na forma de um homem capaz injuriado por outros homens e digno de ser comparado a outros mortais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo buscou sistematizar e problematizar como Mano Brown observa a Santa Trindade Cristã, e problematizar essas múltiplas visões entendendo as questões socioculturais que derramavam em seu trabalho, mas diante de um elemento religioso tão carregado, se fez necessário materializar este objeto num primeiro momento, para apenas num segundo momento ser capaz de problematizá-lo, isto é, foi necessário iluminar onde está a Santa Trindade em seu trabalho, para em seguida a analisar. As duas etapas não estão plenamente separadas, sendo que uma leva gradualmente a outra, pois no processo de observar a figura religiosa inevitavelmente à mesma começa a ser problematizada. Com esta pequena ressalva feita, entendo que Brown delinea uma Santa Trindade Cristã em seu trabalho, e certamente traz significados diferentes e carregados de questões socioculturais a cada uma das três faces dessa figura, sendo elas o Deus Pai, o Deus Filho e o Espírito Santo.

A figura do Deus Pai, colocado como a de um juiz superior a legislação dos homens, faz pleno sentido no contexto em que Brown se criou: No meio periférico, com dificuldades econômicas e alta exposição a violência, observando a incompetência, se não descaso, do poder público, aliado a uma normalização das ações criminais como meio de sobrevivência, elementos que conflitam e dificultam a determinação do que é moralmente certo ou errado, é natural que uma pessoa busque a razão moral em uma figura que transcenda o contexto humano.

Intercedendo por essa justiça absoluta divina esta o Deus Filho, Jesus Cristo. Responsável por conceder o perdão ao criminoso comum que aceita o poder divino em si, Jesus como ser material e tangível, se apresenta como a manifestação física de Deus, e essa questão será importante para Brown, pois sua materialidade, isto é, sua humanidade, será aquilo que o define em seu trabalho. Esse Jesus sobrenatural capaz de guiar um indivíduo a salvação ao mesmo tempo que humano e passível de comparações a seus pares mortais, serve como um exemplo empoderador dentro do contexto do rapper: Jesus poder ser negro, ser injuriado pela ação estatal e ser executado como um criminoso comum traz um certo conforto ao homem periférico, afinal essa figura extraordinária é equiparada a ele, se parece com ele, é tratado e

injurado como o mesmo. Esse Deus Filho então é afastado das leituras elitistas e é trazido para o contexto periférico, como um mártir do povo marginalizado, seu representante máximo.

E por último, o Espírito Santo, a manifestação espiritual do poder divino, é colocada como uma força agente, que atua em cada um dos indivíduos colocados como Guerreiros de Fé. Esse Espírito atua como uma guia do Guerreiro de Fé, homem periférico verdadeiramente temente a Deus, o ajudando e lhe trazendo conforto nas mais difíceis situações que esta pessoa atravessa na “espinhosa caminhada” da vida periférica.

Assim sendo, podemos observar uma devida constância na busca por identificação, afirmação e conforto na figura máxima da fé, e, portanto, da religião como um todo, ação natural considerando a falta de estruturas organizadas de apoio, e ainda mais considerando a forte relação do rapper com a questão da fé. Crucial também apontar a complexidade da representação feita por Brown, carregada de nuances, e significados culturais, que apontam a riqueza intelectual e perspicácia interpretativa do rapper, que constrói uma obra abundante em representações religiosas que se relacionam e ou ajudam a iluminar as questões culturais profundas.

REFERÊNCIAS

FONTES

BÍBLIA. Português. Bíblia na versão Almeida Corrigida Fiel. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf>. Acesso em 09/09/2022.

BROWN, Mano. Mano Brown recebe o Pastor Henrique Vieira. In: MANO A MANO. São Paulo: Spotify Studios, 2021. *Podcast*. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/45r8gNvz5usLdNjcdprGJy?si=OTHs_MVRSQ2TE6c7GU8M3Q&utm_source=copy-link. Acesso em 09/09/2022.

RACIONAIS MC'S. Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2. São Paulo: Gravadora Cosa Nostra, 2002. Álbum musical em versão digital. Disponível em: https://open.spotify.com/album/4HcPzKyKVtcZCwJgesoZWn?si=O7aYNUkLSgKroYqhZ1g9sQ&utm_source=copy-link. Acesso em 09/09/2022.

RACIONAIS MC'S. Sobrevivendo no Inferno. São Paulo: Gravadora Cosa Nostra, 1997. Álbum musical em versão digital. Disponível em: https://open.spotify.com/album/1UzrzuOmZfBgXyS3pgKD10?si=CQTLf_uBRu2tyr2RneMovA&utm_source=copy-link. Acesso em 09/09/2022.

BIBLIOGRAFIA

BORDA, Bruno Guilherme dos Santos. Palavras sagradas, rimas e experiências: uma tentativa de compreensão sobre cristianismo pentecostal, rap e Antropologia. Belém: Universidade Federal do Pará, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/5282>. Acesso em 09/09/2022.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. São Paulo: FFLCH, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/en.php>. Acesso em 06/09/2022.

IBGE. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Rio de Janeiro: 2012. Site. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em 29/10/2022.

- LORENZEN, Lynne Faber. *Introdução à Trindade*. São Paulo: Editora Paulus, 2014. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ff65DAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 06/11/2022.
- MONTES, Maria Lúcia. *As figuras do sagrado: Entre o público e o privado na religiosidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- NÉRI, Marcelo Cortes. Pobreza e políticas sociais na década da redução da desigualdade. *Nueva Sociedad*, v. 1, p. 53-75, 2007. Disponível em: https://static.nuso.org/media/articles/downloads/p8-4_1.pdf. Acesso em 06/11/2022.
- OLIVEIRA, Acauam Silvério. "O Evangelho marginal dos Racionais Mc's". In: *Racionais Mc's: Sobrevivendo no Inferno. Versão Digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ONODERA, Iwi Mina. *Estado e violência: um estudo sobre o massacre do Carandiru*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13028>. Acesso em 29/10/2022.
- ORO, Ari Pedro. No Brasil as tendências religiosas continuam: declínio católico e crescimento evangélico. *Debates do NER*. Porto Alegre. Vol. 20, n. 37, p.69-92, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/218420>. Acesso em 05/09/2022.
- ROCHA, Bruno de Carvalho. *Rap e religião: análise do imaginário religioso em Racionais Mc's*. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2022. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2169>. Acesso em 07/09/2022.
- RODRIGUES, Maik Antunes. *A cor e a fúria: uma análise do discurso racial dos Racionais MC's*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, 2015.
- RODRIGUES-SILVEIRA, Rodrigo; CERVI, Emerson Urizzi. Evangélicos e voto legislativo: Diversidade confessional e voto em deputados da bancada evangélica no Brasil. *Latin American Research Review*, v. 54, n. 3, 2019. p.560-573. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/latin-american-research-review/article/evangelicos-e-voto-legislativo-diversidade-confessional-e-voto-em->

deputados-da-bancada-evangelica-no-

brasil/78197F4E66D57F7BC3A98C273F4DD661#. Acesso em 04/09/2022.

SANTOS, Georgina Silva dos; VAINFAS, Ronaldo. Igreja, Inquisição, e religiosidades coloniais. In: O Brasil Colonial 1443-1580. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. Pgs. 501-502.

SEVCENKO, Nicolau. A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. Versão Digital. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

TELLES, Vera da Silva. A cidade nas fronteiras do legal e ilegal. Belo Horizonte: Argumentvm Editora, 2010.